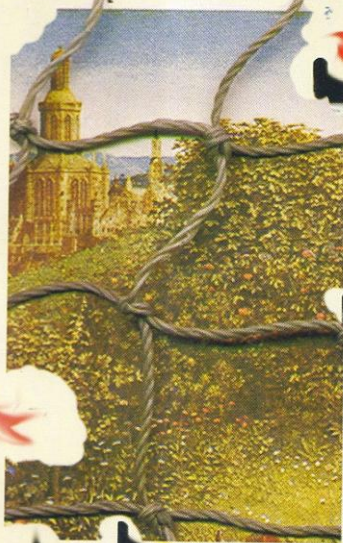


Valdir L. Queiroz

Libertar Passarinhos



Prêmio Blocos 1999

INDICE

Liberdade	5
Quando o amanhã vier	6
Monalisa do sertão	7
Dissertação	8
Dissertação III	9
Auto pintura	10
Baby	12
Petúnias	14
Pois é	15
Êxodo natalino	16
Confissão	17
Desafeto	18
Gato pingado	19
Sinopse	20
Flor lunar	22
Fera-flor	23
Triste	24
Exaltação vitae	25
Confissão sem dor	26
Incompatibilidade de tempos.....	27
Introdução a vontade de ter você ..	28
Realidade precoce	29
Da necessidade de agredir você ...	30
Auto taberna	31
Boêmia	33
Prematura ausência	34

Testamento à vida	35
Ausência	36
Retra todefa milia	37
Canto parnaso	38
Maria e João pernalta filho	39
Homem: fera racional	40
Poema entre aspas	41
Carisma	42
Fato	43
Macedo I	44
Macedo II	45
Primavera	46
Cidade pequena	47
Velhice	48
Libertar passarinhos	49
Vrum	50
Tempo I	51
Luz	52
O beijo	53
Capital S/A.....	54
Tempo II	55
Adeus	56
Contato com o Autor	57

PREFÁCIO

Quando recebi, honrado, o convite do amigo-irmão-compadre Valdir Leite Queiroz para prefaciá-lo seu “Libertar Passarinhos”, confesso que me perguntei se era a pessoa certa para fazê-lo, porquanto tenho andado tão afastado da poesia nos últimos tempos, poeta temporão que sou.

Diante da tarefa comecei a ler a sua obra, e que obra! Eu estava diante da poesia novamente, e que prazer me deu a leitura de seus versos, lá estava eu sedento por poesia saciando enfim minha sede. Experimentando em cada palavra uma emoção, em cada verso uma constatação: a poesia de Valdir tem o brilho ardente das coisas inquietas, ela nos decifra e nos desnuda, de forma profunda e sincera. A poesia de Valdir eu conheço de longa data são os mesmos versos fortes que espreitam a nossa alma e traduzem os nossos sentimentos tempos atrás, com o lirismo característico de seus versos, como, por exemplo, no poema “TEMPO II”, que fala da adolescência que foi embora sem a gente dar fé, e do menino que teima em morar em cada um de nós, sem dar bola para os

cabelos brancos que brotam com uma rapidez cruel demais.

Seus versos falam da vida simples da cidadezinha, e das coisas que só podemos ter nas cidadezinhas, porque há tempo de sobra e as pessoas tem nome, e as ruas ainda são hospitaleiras, em “libertar Passarinhos” ele se pergunta se haverá passarinhos, é uma pergunta difícil caro poeta, mas enquanto houver versos como os seus haverá passarinhos.

Esta obra tenho certeza é apenas a primeira de várias outras que se seguirão, uma vez que graças a Deus ele não para de escrever e sempre com o mesmo encantamento, com a mesma luz louca que só os poetas tem, porque a poesia é assim mesmo, febril, louca e iluminada, como os diamantes.

Vilmar Barros de Oliveira

A nossos filhos:

Hugo e Tanyla.

Neif.

Diego.

Larissa.

Thais, Thiago e Thalita.

Ludmila.

Marlon e Amanda.

Artur.

Raul César e Lucas.

Gabriela e Isabela.

Natalia.

Susana e Vinícius.

Cleberon e Robson.

Bruno e Nayara.

Thays e Thamyres.

Lucas (Gol do Brasil) e Amanda.

Estela e Alessandra.

Pedro e Lorena.

Melina e Jordana.

Camila e Júnior.

e Arthur

Alguns de sangue,
outros de vida.

LIBERDADE

Vejo nos olhos da virgem
a lei da liberdade;
vejo na virgindade
o poder do pecado;
vejo no pecado
a transgressão da liberdade

e fiquei cego nos olhos
da virgem.

QUANDO O AMANHA VIER

Deixe-me um pedaço do teu sonho
que eu aprenderei a ser
um eterno sonâmbulo.

Dei-me uma gota do teu sangue
que eu ensinarei meu corpo a
viver a eternidade.

Dei-me as tuas verdades
e faça de mim o profeta da paz.

Dei-me tua dor mais profunda
que eu farei de si a trave
do meu coração.

Dei-me o teu beijo
mais louco e faça de mim
um débil mental.

MONALISA DO SERTÃO

(A nós, retirantes)

De cativante
só o aspecto mórbido e moribundo
de gente-bicho.

Trazia consigo duas sementes
que parecia ser (ou seria?)
a humildade e a simplicidade
vítimas da peregrinação.

No estômago: asfalto molhado;
no coração: esperança de bicho-
gente;
na cabeça: miolos doídos pelo sol
do sertão;
nos pés: a marca do chão que
um dia fez pão e a fome matou...

Porque vives no anonimato
Monalisa do sertão ?
Teu pintor no porão te guardou ?
Ou a seca tua paisagem
queimou ?

DISSERTAÇÃO

Tenho medo.

Medo de flor do deserto
que teme o olhar do jardineiro
e ama os olhos do abutre.

Tenho amor.

Amor de flor que "nasce"
no asfalto;
amor de peixe que "vive"
em aquário;
amor de pássaro que "morre"
em gaiola;
amor de gente que espera
outrora.

DISSERTAÇÃO III

Também te vi sobre a colisão
dos desejos;
te vi com aspecto de
amor imoral.

Te vi corroendo o orgulho
e alcançando a incógnita.

Te vi de sol pintada
de penumbra coberta e
de orgasmo sofrido.

Te vi de vontade imperfeita
e de amor engolida.

Também te vi, no meu espelho
inacabado naquela noite de sol
sem pincel e luar qual gaivota
sem mar.
Te vi.

AUTO PINTURA

Em destinos de gralhas,
perambulo eu.

Sonho estradas de ventos amigos
que enxugue as lágrimas de
olhos perdidos.

Sonho calor, em mãos
aquecidas de amor e sabor.

Falo horrores e odores
de terras benquistas por não
existir.

Grito a poluição que me irrita
a mente, tinge-me os lábios e
cega-me os olhos...
Adormeço sempre em vômitos
sonoros.

Choro sem lágrimas
e sem som
sou cego e surdo
sempre que choro.

-Mandam-me de dia
andam-me de dia
julgam-me de dia
pintam-me de dia,
talvez me façam na primeira
metade da noite...

Na segunda metade
sem línguas para julgar-me,
aprecio a lua conto as estrelas
e dou cambalhotas na poeira.

BABY

No respingar da neblina
entendi teu ser, teu mar,
tua alma e teu luar.

A neblina molhou minha
face e ante o espelho
vi meu rosto chorado.

Na rua do teu céu
esperei o luar...
o luar não veio.

Esperei tua alma...
tua alma não veio.

Esperei teu ser que se
desvaneceu até tornar-se
gaivota.

E esperei teu mar,
mas nem maré teu mar mandou...

Ficamos só,
eu e o céu de tua rua.

Brincamos de solidão,
queria brincar de saudades
mas o vento achou pôr bem
bailar em outras ruas.

E de que valeria ficar só
com minha saudade;

melhor seria brincar
de sol: fazer minha rota
e ignorar a todos.

Das rotas que não
lhe conto,
perambulo passadas de
vento, de vento é meu
pensamento...

Das rotas que não lhe
conto, desfolho contos, e os
publicarei na face oculta
da lua.

PETÚNIAS

Quero prever teu dilúvio
e preparar minha jangada,
fazer de tuas pinturas
uma solidão na minha viagem;
vou te levar na minha parede
de mãos pregadas no teto e
perfurar marmotos com a ajuda de
tua visão.

Vou me olhar nos teus olhos
e dizer-me que te espero.

Esperado vou sumir nos
teus olhos.

Desesperado viverei nas saliências
e petúncias deste terreno.

POIS É...

Quando eu partir,
com minha mente em transplante,
quero te dar meu odor de
terra em fecundação
quero te dar meu amor
em cólera e algodão.

Quero caminhar no verde
do teu paraíso e sentir
o debandar de minha mente.

Vou pedir a você que ame,
ame enquanto sou tempestade
pois meu transplante é temporário.

ÊXODO NATALINO

(A nós, do cortiço)

Amanheço com sabor de dentes
dentre os sonhos
sonâmbulo, saio às ruas com
pálpebras que não se abrem.

Solícito
recolho panfletos, leio murais
e observo os "auto-suicidas"
que se automatizam no último andar
de um emaranhado cúbico.

II

Paro no sinal,
espero as renas passarem.
- Sentem sede talvez.

III

Olho-me na quinta em
pensamentos de proletariado:
uma reta de sentido para o céu.
- Inocente!

Volto no mesmo itinerário.
Deito, penso, exalo
e acordo sem sonhos.
- Porque é natal.

Saio às ruas, recolho
panfletos, leio murais
e morro, morro porque é natal.
- Porque é natal?

CONFISSÃO

Já trago nos lábios
o sabor de teus olhos
e vejo-te sempre
de olhos molhados.

Nunca te vi chorar;
mas porque trago sempre
as mãos molhadas se a tua
boca nunca tem sede?

Porque as veredas desta
rapsódia me leva
ao caminho da mutilação?

Confissão.

DESAFETO

O medo, de olhos azuis
passou-me em visita,
com a boca escassa,
propôs unificar-me a
esse loquaz desafeto.

Não volto a chorar.
Prefiro enxugar-lhe os
olhos que sempre se mostram
molhados, por desafeto, talvez;
concordo.

Mas porque andas galopando
em vermes, se te prefiro
azulada no meu lago a
afogar-se?

O desafeto escassa, o escasso
que sou; e loquaz, por necessidades,
volto à mamãe que esta sempre
azulada com pintinhas brilhantes
na face.

GATO PINGADO

(A nós, inquilinos)

Um gato pingado com
o peito cheio de catarro.
Tão cheio quanto um gato
pingado de peito cheio
de catarro:

Há muitas janelas neuróticas
com moças loiras de rosas
murchas nos seios.

O sol deste éden s(é)rá
podre e ocioso mesmo que
haja paz (e/ou pax dómini).

Mamãe é uma dama com
rótulos e sem tampa
que tem amor status...

Eu?...
Eu só existo(?) por você
e por você sou esse
gato pingado.

Por você debruço em
janelas neuróticas e sugo
os seios pálidos de minha
mente.

SINOPSE

Não quero deixar no
lamento o desespero
nem morrer de cansaço
no primeiro desvio de
minha mente.

Não quero armar no tempo
um templo de resumos e
panfletos de minha germinação.

Deixarei aqui dentro de
um copo d'água, no
cabide do teu guarda-roupa
a minha epiderme
que, talvez, sobreviverá
se teu coração souber
alimentá-la.

Levarei não só tua epiderme
mas todos os teus desafetos-afetos
dentro do meu "pulmão".

Quero respirar você e
"poluir" meu ambiente
de você.

Não lavrarei campos sem
pensar semear você,
não seguirei luas nem
estrelas sem pensar
seguir você.

Rezarei você ao
crepúsculo de cada dia...

Amém.

FLOR LUNAR

Ando pensando em assassinar
a lua.

Quero pegá-la na hora
mais vesga,
quando todos os sonhos
estiverem desfeitos.

Então andarei soturno
ante as flores sonhadas.

Farei silêncio, como a lua o fez;
não lagrimejarei palavras,
como as flores o fizeram;
serei lua minguante,
como a lua o foi...

Então assassinarei as flores,
deixarei apenas as lunares
que já são órfãs.

Por último
abrirei os olhos de todos
os sonhos para que vejam
a outra lua não assassinada.

E como mártir pedirei
A metade que me falta,
que sepulte-me sob
a primeira flor desta
nova terra.

FERA-FLOR

Posso não chegar ao
amanhã,
mas desejo cravar firme
as vísceras latentes do meu
sonho no teu pesadelo de
Fera-Flor.

Desejo morrer afogado
no teu pranto e canto
metamorfósico.

Não desejo ouvir o teu
coração quero só tocá-lo
com os meus lábios até
senti-lo em fusão com
o meu vôo.

Caminharei suave e morno
para alimentar-me(como fera)
de cada pétala
de você.

Depois de saciado, não
sei se terei chegado
ao amanhã;
sei apenas que aprendi
o caminho do céu: Fera-Flor.

TRISTE

Ontem cheguei,
e como ovário de flor
esperava você para
crescermos juntos.

Mas a noite é fria
e dela tornaste cúmplice.

Encontraste-me triste,
só triste, nada mais.

... Voltei à flor que
sempre me espera
sem sonhos febris e
sem galos a cantar.

EXALTAÇÃO VITAE

Tenho uma clandestina vontade
de matar essa fome de encontrar-me,
que me corrói

corrompe
tortura
e mata.

Vivo bêbado de
saudades
angústias
e amor corroído.

Maldito dedo em riste que me causa
insônia
pavor
medo
e ódio.

Malditas noites que sempre
vêm cada vez mais
tensas
densas
corrosivas
e sufocantes.

Maldita dita, dita vida
que perfura cáries nos meus
dentes e planta flores
em minha cabeça.

CONFISSÃO SEM DOR

Não, não vou dizer o que
sinto!

prá que dizer

se o teu sentir é o meu?

Prá que dizer o que sinto

se as tuas verrugas provém

das estrelas que contei?

Não, não vou dizer o que
sinto!

INCOMPATIBILIDADE DE TEMPOS

(A Neruda)

Vulgar é este tempo
que não é meu e tenho
que vive-lo.

Que tragam o meu tempo de
volta, ou troquem esta cabeça
que está no meu pescoço.
_ Este tempo não é meu nem
esta cabeça é deste tempo.

Quero de volta o meu tempo!!.
Tragam o meu tempo de volta!!.

Esta cabeça que tenho não
serve prá este tempo:
ela é metida a poeta, vota
contra o governo e até
ama o próximo!.

Quero uma cabeça oposta
prá eu viver neste tempo:
viverei serenamente
e até serei presidente!

INTRODUÇÃO A VONTADE DE TER VOCÊ

Então cheguei de tardinha
e sentir falta do teu beijo
de Kolynos.

Labutei esperanças e sonhos
mas não supri a necessidade
do teu corpo de andorinha.

Procurei o teu retrato 3x4
mas nada ele me disse,
apenas me olhava com
seus olhos mareados que o tempo
mandou marear.

Me procurei no espelho.

Não me encontrei:
a idéia de você é maior
e mais forte do que minha
epiderme marota.

REALIDADE PRECOCE

E do grato contato
praticou-se o ato
que não difere do fato.

Cabeças tontas(ou prontas)
se fizeram em gritos...
Opacos.

E derrubaram mitos
e se perderam no ato
e rompeu-se o pacto
e consumou-se o fato.

E do grato contato
praticou-se o ato.

DA NECESSIDADE DE AGREDIR VOCÊ

Minto quando digo que a vida
é boa.

Minto quando sorrio para os
vizinhos.

Minto quando digo que isto
logo passará. Nós sabemos que
isto nós mata. Mas mentimos.

Dizemos que não.

Mentimos quando falamos que
vale a pena viver.

Vida de dedo nos olhos, de
gritos na despedida.

Vida de bocas rotas e braços
presos.

Vida de amigos ausentes, de
orelhas quentes e de opressão
presente.

Vida de mortes instantâneas
em notícias longas,
vida de tesão contida em
raparigas públicas.

Vida puta, puta vida!!
puta que pariu
essa vida!!!

AUTO TABERNA

(A nós, Boêmios)

Cabeças se enchem...

Copos se esvaziam.
Pensamentos nascem...
Sonhos são postos em pauta.

Copos que se esvaziam.
Lembranças que se levantam
e dominam os (e)feitos
ausentes.
Atos que se repetem
e nascem como morreram.

Copos que se esvaziam...
Bocas que têm sede,
cabeças que precisam
voar.

Copos que se esvaziam:
bocas trôpegas que cantam...
Ou choram.

Pensamentos que partem
para nunca mais voltar...
Ou voltam logo mais.

Copos precisam ser enchidos:
bocas ainda têm sede.
Magoas precisam morrer
afogadas; alegrias devem
aprenderem a nadar...

... Muitos já se foram,
sem nada dizer... Ou disseram
tudo, que ficou perdido
dentro dos copos,
que se embriagaram,
ficaram tontos e se
espatifaram no solo.

BOÊMIA

(A nos, Duendes)

- Um trago oco,
e de amor disposto
esquece Clarice e
canta Alice.

- Um trago solto,
e de felicidade envolto
chora solto
sem esconder o rosto.

- Um trago louco
e de zum-zum no corpo
ameaça a morte e
se encolhe amorfo.

- Um trago torto
e de desgosto,
o vômito roto,
rola sem gosto.

- Um trago morto
e de falar quase-torto,
segue,
semi-alado
semi-solto
quase-torto,
sempre-afoito.

PREMATURA AUSÊNCIA

A primeira noite sem você
foi sufocante.

O primeiro cochilo não apareceu
e os galos cantaram mais tarde
que o de costume.

A primeira hora da tua real
ausência
veio bêbada, e convidou-me
a esquecer a tua falsa
presença.

Fingi desuso
e fugi de olheiras pelas
madrugadas dois filhos da
lua.

TESTAMENTO Á VIDA
(A Manuel Bandeira)

Rola dedo, rola perna
e rola corpo.

Rola paz, rola sono
e rola amor.

Rola vida curta!
roda vida curta!!

rota longa... Longa...

AUSÊNCIA

É

rude

tosca e

bruta

essa falta de você.

É constante, tanto

quanto pulsante

esse mal que não se vê

que me cobra e recobra

a presença de você.

RETRA TODEFA MILIA

(A nós, abortados)

Afeto

falta ao Feto.

E rogo o afeto que passa
no fétetro, ao Feto.

Rogo

ao afeto que falta ao Feto
que não me afete
pelo fato de mim ainda
ser Feto, e

Feito Feto:

expludo

e

poeto.

CANTO PARNASO

(A John Lennon)

Do doce encanto
decanto e canto
o voar do pranto,
antes, santo.

Feito pranto, santo
encanto o canto:
terno, eterno
eterno e terno canto.

Cante o canto
cantador cantante
que o doce canto
encanta o pranto...

Antes, santo.

MARIA E JOÃO PERNALTA FILHO

Antônio Pernalta Filho.

Filho das brumas(não confundir com plumas).

Filho das entranhas da fome
e da rudez;

filho do aperto parafusorio,

filho do sono tonto;

do trampo Santo;

tanto trampo: sono tonto.

Antônio Pernalta Filho.

vendeu o sono tonto,

vendeu o trampo tonto,

vendeu a vida tonta.

Antônio Pernalta Filho.

Morreu com o sono tonto;

deixou dois tontos, digo, filhos:

Maria e João Pernalta Filho,

que o esperam em um barraco

tonto, tontos de fome.

* A.P.F. 23 anos, ajudante de mecânico,
morreu vítima de acidente de trabalho na
usina Níquel Tocantins em Niquelandia-Go
na madrugada de 25 de março de 1.982.

HOMEM: ANIMAL RACIONAL

Bar:
garrafas,
copos,
cacos,
testa sangrando.

Pólvora:
Fogo,
ferro,
tinir,
buraco no peito.

Desejo:
dor,
viver impreciso,
- Preciso viver !.

Entre luzes, traços,
pinças e gráficos,
agulhas labutam
bisturis rasgam e

o sangue envelhece.
O peito envelhece.
A vida envelhece.

A noticia, novinha,
rasga a cortina e
descortina o homem:
Fera racional.

POEMA ENTRE ASPAS

Hoje, eu confesso tudo,
ou quase tudo.

Confesso que as cáries
invadem meus dentes.
confesso que morro
como cigarra.

Confesso que sempre
escovei os dentes e
jamais desejei primaveras.
Confesso, ainda, que não
sou poeta.

Confesso tudo;
Só não confesso o porquê
dos meus olhos se perderem
dia a dia, noite a noite,
dor a dor.

CARISMA

Dentro desses teus
olhos molhados eu
sempre me perco.

Balucio gestos bruscos,
mas a palavra incontida
se faz em atos mansos
a nadar na tua
volúpia.

FATO

Como me concretizei
em concreto,
nem eu sei,

aí paro prá pensar
e só vejo desejos
de tudo.
Prá nada.

Muito sono e
dedos que tocam os cabelos.
Prá nada.

A imagem distante
e a vida bem aqui
se envelhece
como duas botinas.

Claro que há esperanças!!
pois às 03 da manhã,
labuta quem tem esperanças
luta quem tem esperanças
grita quem tem esperanças.

Me desconcretizo
e saio prá vida
que também dorme e
cochila e... burla.

MACEDO I

Faz tanto tempo
que não me perco...

Silenciosamente o cotidiano
aninha-se em minha mente.

Haverá, certamente, uma
idade futura mais jovem
com menos vontade de comer
e com mais vontade de viver
com vida.

Com menos cálculos, sirenes
e capacetes, haverá mais tempo
para nós nos perder-mos:
na vida
prá vida
com vida
de vida.

MACEDO II

Tenho muitos pactos
alguns engolidos pela
vida
outros por mim.

Muita magreza tinham
meus pactos.
Com tantas panelas a coagir
o fogo como poderia
eu sair ileso do
bico da beija-flor?

(Pacto I)

Nasceu quando vivi
- Morreu?
... Prá que dizer
se escrevi!?

(Pacto II)

Existiu.

(Pacto III)

Virá.

PRIMAVERA

(A nós, Crianças)

Já fui feliz.

Tive dois galos de briga,
uma vara de pescar
e um casal de periquito

Já fui feliz.

Tive bolinhas de gude,
estilingue de goma viva
e até saco de dormir.

Tive bola de capotão,
bicicleta de farol
e relógio a prova d'água.

Tive mochila, sonho e álcool.

Tombo, leve.

Leves tombos, tive.

Tive subnutrição inculta
inculta, a vida, teve-me.

CIDADE PEQUENA

(A Jussara – GO.)

Sentar na praça.
Praça de cidade pequena.
Tirar a camisa e mirar
o sol, poente.
Sentar na praça.
(De tardinha)
de cidade pequena,
praça.

Que pena;
os metropolitanos
têm muita estrada
muito carro
têm piscina, sauna, disco a laser
avião a jato
têm video-game, videocassete e
videopôquer.

Têm
muita eletricidade e
muita razão

mas lhes falta

Uma praça, de cidade pequena,
(de tardinha).

VELHICE

Não me pergunte
porque não há flores neste canteiro.
Estes anos reluzentes de
sabor obscuro não gerou
tantos cabelos brancos
quanto devia.

Há tantos transeuntes
sorridentes de bochechas
grandes,
que até parece
que não usam uma vida
postiça.

Não me pergunte porque.

LIBERTAR PASSARINHOS

Já houve um tempo
em que
era comum Sonhar.

Um tempo houve
que o comum era Ouvir.

Há um tempo
em que comum é
criar passarinhos.

Um tempo há
em que criar
passarinhos é comum.

Haverá um tempo
em que comum
será libertar passarinhos?

Um tempo haverá.

Haverá passarinhos?

VRUM

Vrum.
Vrum vrum.
Vvrum vrum vrum.
Vvruuuuuuuuummmmm.

Vrum vrum.
Vrum.
Vruuuuuuuuummmmm.
Vrum vrum vrum.

Vruuuuuuuuuuuuummmmmmmmmmm.
Vrum vrum vrum.
Vrum vrum.
vrum.
É a vida.

TEMPO I

Algumas palavras
andam mortas
em nossas bocas,
precisamos acordá-las
antes que morram
em nossos corações.

A felicidade passa
em debandada feito
cotia em pantanal.

Estamos inermes
amordaçados
pelo tempo que voa
feito sinal de TV.

O beijo de outrora
deu lugar ao agora
que não tem beijo
não tem festa
não tem livros,

nem banco de praça,
nem dança,
só pança.

LUZ

Esse tempo sem luz
me aprisiona dentro de ti
e nem paredes há para debater-me.
Oh! saudades do tempo de vaga-lumes
minhas asas eram enormes e
as goteiras do pé de tamarindo
traziam uma felicidade esquisita
tipo dentadura nova.
Oxalá esse tempo seja breve.

O BEIJO

O primeiro fez splhess
o segundo smeshs
e o terceiro,
o terceiro...
Cataplun!

CAPITAL S/A

Andam dizendo por aí
que a amizade acabou,
o amor acabou.

Andam dizendo.

Dizem por aí
que a dor é constante
o odor freqüente
a solidão presente.

Dizem por aí
que a inveja é abundante
o preconceito, dizem, é
pungente.

Andam dizendo por aí,
coisas afins.

Não acredita !?
“Pobre” homem do campo
nem sabe o que se passa
na cidade grande.

TEMPO II

E o tempo chegou,
Veio montado em um corisco
tão rápido, tão veloz

que nem tempo tive
de apear da minha
adolescência.

Quantos ensaios de rugas
já apregoas na minha face
e eu ainda nem perdi
o gosto por
bolo de padaria.

Já amarelas os meus dentes,
pintas de branco meus cabelos
e aninhas um cotidiano métrico
na minha vida

e eu ainda nem perdi
O cheiro de picadeiro
de circo.

ADEUS

Há muitas maneiras
de se dizer adeus,
a que mais me dói
é o adeus recíproco,
que não convence.

Mente.

é o adeus de grunhidos
que não só vence...

Revenge.

Não trago você em
pensamentos de Shakespeare...

Talvez de Neruda
escovando os dentes com
palavras que não se
pronunciam...

Denunciam.

DADOS DO AUTOR

Valdir L. Queiroz nasceu em Jussara-Goiás, onde viveu até os 19 anos, num tempo em que a liberdade era abundante e pungente. Exercitou como poucos essa liberdade, viajando por quase todo o país mais Argentina, Bolívia e paraguaia apenas com o “polegar”.

Quando o gás da liberdade tornou rarefeito, deserdou-se da cidade natal passando por Goiânia, Niquelândia, Belo Horizonte, Santa Bárbara – MG. Barão de Cocais – MG. João Monlevade – MG. Paracatu – MG.

O périplo por estas cidades durou 12 anos, sempre exercendo a profissão de Químico Industrial. Desde 1990 reside em Goiânia onde se tornou microempresário.

Durante todo estes trajetos com ou sem ar rarefeito, sempre arriscou untar palavras em um pedaço de papel.

Teve seu primeiro trabalho publicado na 1ª Antologia dos Poetas Internautas: Uma coletânea de poesias de vários autores publicada pela editora Blocos.

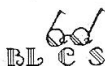
Tem agora o seu primeiro livro solo publicado através do 2º concurso Blocos de poesias onde concorreu com 273 poetas.

Contato com autor:

valdir@avbbrasil.org.br

Com o intuito de, cada vez mais, incentivarmos os poetas com obras escritas em língua portuguesa, promovemos o 2º Concurso Blocos de Poesia, que contou com a participação de 273 originais, dos quais foram escolhidos dezesseis vencedores, sendo que dez deles estão sendo publicados nesta Coleção, numa demonstração incontestável do potencial criativo e da riqueza estilística da produção poética atual. Potanto, com muito orgulho apresentamos os poetas que, neste final dos anos 90, fim de século, mudança de milênio, contribuem, efetivamente, para um maior entendimento dos símbolos do mundo.

Os editores



Blocos Editora
Caixa Postal, 113771
24900-970 Maricá/RJ
Telefax: (021) 637.1636
<http://zaz.com.br/blocos>
e-mail: blocoszaz@zaz.com.br